

HISTÓRIA DA ARTE: da década de 70 do século XX ao século XXI.

Tópico 15

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

***Exclusão e apagamento
na Arte Visual.***

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo



Cursos de Artes Visuais
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**ARTE
VISUAL
ensino**

O Tópico anterior tratou da questão da mulher na Arte Visual. Neste o tema é a *Exclusão, Reclusão e Autoformação*. Vale lembrar que a questão da transversalidade exigida pelas diretrizes pedagógicas contempla várias abordagens, a Exclusão pode ser uma delas. Por Exclusão entende-se o simples isolamento social ou apagamento cultural como também os meios mais radicais como o racismo o genocídio, homicídio, feminicídio e outras práticas criminosas ou desumanas praticadas ao longo da história.

Não há qualquer novidade neste tema levando em conta que a História Humana é recheada dele. Não há como ignorar que as estratégias dominação, sempre estiveram presentes em todos os momentos do “projeto” humano sobre a terra, fosse em relação aos seus semelhantes ou a natureza. Ocupação, repressão, destruição sempre foram ações para o exercício do poder.

Esta é uma das linhas de reflexão deste tema.

No dicionário, Exclusão se refere ao ato ou efeito de excluir, de segregar, de deixar de fora. Corresponde também ao afastamento, segregação de pessoa ou grupos com caráter social, racial, político, financeiro, ou etário, neste sentido entre o outro tema abordado: a Reclusão.

A grande questão é que, quem sofre Exclusão e Reclusão, na maioria das vezes não tem poder ou condições de rever-las.

O que isto tem a ver com Arte Visual?

Bem, a resposta é simples: Tudo!

O contexto da Arte Contemporânea requer abordagens múltiplas, amplas, interdisciplinares e transdisciplinares no sentido de que tudo importa.

As manifestações artísticas atuais não estão restritas aos temas acadêmicos que orientavam os fazeres da Arte tradicional, mas ao contexto vivencial do ser humano, portanto, tudo importa.

Ao longo destes Tópicos foram abordadas várias questões que motivam a criação artística na atualidade, este é mais um deles.

Não se pode pensar que as manifestações da Arte Visual nos dias atuais estejam restritas aos objetos, à decoração, ornamentação ou exposições realizadas em galerias, museus e feiras, elas fazem parte do dia a dia das pessoas e podem estar em todos os lugares.

Temas como ativismo e engajamento, feminismo e tantos outros foram aqui tratados. Pode-se dizer que foi desenhado um panorama das manifestações atuais no intuito de contribuir para melhor compreensão do que se faz em Arte e sua importância no contexto da sociedade atual.

A Arte sempre esteve presente em todos os momentos da humanidade e, não será agora, que ela deixará de participar.

Como já dito, a *Exclusão Social* se caracteriza como um processo de afastamento e privação de pessoas ou grupos da estrutura da sociedade, são marginalizadas e impedidas de exercerem ou obterem livremente seus direitos. É uma condição inerente ao capitalismo contemporâneo cujo efeito mais visível é o surgimento de preconceitos. Dentre os mais comuns estão as condições financeiras, a religião, a cultura, a sexualidade.

As minorias étnicas, culturais e religiosas, por exemplos: os negros, índios, idosos, pobres, homossexuais, toxicodependentes, desempregados, portadores de deficiência são os mais atingidos, levando-os ao Isolamento Social.

Todos estes aspectos se referem à Cidadania, ou seja, o respeito aos direitos que todos os cidadãos de uma nação merecem por participarem, contribuírem e compartilharem os mesmos valores constitucionais.

***Exclusão e apagamento
na Arte Visual.***

A Presença da Arte na cultura é inegável. Originariamente vernacular e espontânea, hoje propositiva e desafiadora.

Sua vernacularidade e espontaneidade são decorrentes dos meios e condições em que surgiu: Vernacular por apropriar-se dos materiais e meios disponíveis no seu entorno para dar forma às ideias, necessidades e simbolismo que a geraram; espontânea por ter surgido sem que fosse imposta, dirigida, solicitada ou proposta por alguém que não o próprio ser humano na sua ânsia pela sobrevivência.

Diferentemente de hoje onde as manifestações artísticas operam numa imensidão de proposições, técnicas e tecnologias que, às vezes, é mal ou não compreendida até mesmo pelos seus contemporâneos. Enfim, de algo espontâneo e natural, se tornou algo propositivo, intencional e interativo de tal modo que até mesmo o mercado especulativo e financeiro se apropriou dela para torna-la uma fonte de investimento, renda e mercadoria. Quem te viu, quem te vê...

O fato da Arte ter mudado tanto não é uma fonte de preocupação, mesmo porque uma de suas características é justamente sua capacidade adaptativa, mutante e, às vezes, mimética ou camuflada para sobreviver ou atingir metas e proposições.

Seja como for, as manifestações artísticas não são constantes e hegemônicas e nem estáveis, muda conforme seu tempo, lugar, conceitos e concepções. Portanto a capacidade de transformação é um valor e não um pecado.

Assim sendo, sua presença é constante mas sua aparência, finalidade e função não. A Arte flui dentro do caudal social no qual está inserida ou do qual decorre, neste sentido, ora é dirigida por regras, ora as rompe e se contrapõe a elas. A dinâmica da criação e da expressão artística é viva e, por isso, assume ou adota formas e valores diferentes em cada época ou muitas em uma só época.

Mutatis Mutandis... Cabe tentar entendê-la e explicá-la para torná-la mais acessível.

Apagamento em Arte Visual.

A ideia de presença implica em estar ou existir, ou seja, algo que faz parte de um contexto. Seja ser vivente ou coisa.

No caso da Arte Visual, sua presença é atestada por algo manifesto, realizado, criado por alguém que a configurou como tal, logo, é incontestável e não pode ser ignorada como algo presente e que existe ou existiu em algum lugar ou época. Tais reflexões tem por finalidade conduzir o pensamento em torno da perseverança da Arte no seio social.

Se a Arte tem presença garantida e incontestável no contexto da cultura, também enfrenta vicissitudes ao sofrer intervenções, ser manipulada ou instrumentalizada por circunstâncias e situações sobre as quais não têm domínio ou às quais é constrangida ou submetida. Nem sempre a Arte pode exercer sua autonomia e vontade, muitas vezes foi vítima ou condicionada a modos que não podia ou nem tinha consciência de que podia alterar. Nem sempre a liberdade de expressão foi um valor defendido pela sociedade

Um valor defendido no contexto da expressão artística é o poder volitivo, ou seja, a vontade de fazer Arte. A produção artística surgiu desta condicionante: alguém se propôs a criar, tomou a iniciativa de organizar as condições e condicionantes necessárias para colocar em prática uma ideia: A de criar imagens. Supomos que tal vontade ou intenção tenha sido a de sobreviver e que tais imagens tivessem sido criadas com o fim de propiciar a caça. O ato mágico de dominar a imagem estaria diretamente ou simbolicamente ligado ao sucesso na caçada.

Esta é uma hipótese plausível dentro das possibilidades e condicionantes sociais da pré-história e da cultura humana naquele período. Mas se considerarmos o lado oposto: que tais imagens tivessem sido feitas pelo simples fato de que era possível criar algo à semelhança da natureza e que não estava na natureza mas que demonstrava e atestava suas habilidades cognitivas, psicomotoras isto provava sua capacidade de criar, realizar, inventar, fazer algo que a natureza, por si só, não era capaz, portanto, podia intervir.

Se entendermos que isto foi para provar para si mesmo sua capacidade de fazer, foi um desafio assumido, como faz com frequência. Todas as transformações pelas quais a humanidade passou foram estimuladas ou designadas por desafios e pela vontade de solução ou superação. Este é um valor que se defende com “unhas e dentes” na condição humana. Nesta linha de raciocínio a presença da Arte na sociedade também significa que a invenção, a criatividade, a disposição em idealizar e realizar projetos, proposições, sonhos e fantasias é possível.

Entre a imagem de um bisão criado na parede de uma caverna e a saga *Star Wars*, não há uma distância muito grande. A imaginação é a motivadora das duas, embora uma seja entendida e aceita como Arte e a outra como produto da indústria de entretenimento, no entanto, uma e outra sempre contaram com a capacidade de imaginar, fantasiar e realizar algo que pudesse provocar a interação entre os seres humanos. Produtos da necessidade ou da fantasia, não são pecados mas conquistas maravilhosas.



Bisões pintados na pré-história, na Caverna de Altamira, Espanha e um cartaz que mostra a saga Star Wars, não são tão diferentes assim se levarmos em conta que ambas foram produzidas pela vontade e criatividade humanas.

Bem, acredito que até aqui tenha conseguido justificar a presença da Arte na sociedade, que é produzida pela vontade humana e que, tal vontade, atende a demandas sociais. Ao mesmo tempo não se pode ignorar a *instrumentalização* da Arte na sociedade promovida pelo poder foi (e/ou tem sido) uma estratégia de dominação. Para que esta estratégia funcione há duas questões que devem ser equacionadas: uma é manter os produtores de imagens sob a ordem do poder fazendo com que pactuem, aceitem ou obedeçam as diretrizes temáticas, formais e conceituais do poder.

Outra, também eficiente, é ignorar, negar, obliterar, esconder, não promover, cooptar, anular, ou seja: *Apagar* as manifestações que se diferenciam, distanciam ou se opõem ao poder dominante. De um modo ou de outro boa parte da História da Arte nos mostra estas duas tendências. Talvez a primeira seja mais eficiente do que a segunda pois, os registros mostram as manifestações em que o poder é o tema e o contrário é menos eficiente, pois como disse, o *Apagamento* é um meio de “esquecimento”, censura ou repressão.



A cena de combate entre Romanos e Dácios, na Coluna de Trajano em Roma, comemora a vitória do Império Romano sobre os Dácios, depois de décadas de lutas. A história registrada é a glória romana e a repressão dácia. A Arte faz as vezes a função de repórter da história do lado do vencedor: do “bem” contra o “mal”.

Bem, aos Romanos a glória aos Dácios, a derrota. Aos vencidos resta o apagamento na história, quem vence tem voz e quem perde, nem ouve...

Atos heroicos, bélicos são registros comuns na Arte desde a Antiguidade. Também é comum a glorificação do poder como emanado da divindade. Deuses, reis, rainhas, imperadores, faraós e religiosos em geral são “ungidos” pelo divino e a eles (e somente a eles) cabe exercer o poder sobre os outros, submetendo-os às suas vontades, aos seus ditames, promovendo a subserviência e escravidão.

Isto não mudou muito. Hoje em dia ainda temos “líderes” que se apropriam deste recurso para exercer o domínio sobre o outro, seja na política, na religião ou na economia. Pode-se dizer que o ser humano avançou muito desde seus primeiros momentos na pré-história, mas não conseguiu ainda estabelecer parâmetros capazes de equilibrar a balança entre poder e bem-estar social. Não se pode dizer que o ser humano não tivesse consciência das diferenças sociais. Ao longo da história também temos notícias de revoltas, revoluções, êxodos e conflitos nos quais grupos sociais se rebelam contra o sistema.

Mas, como disse, a história é contada pelos vitoriosos ou por quem detém os meios de informação. Só para exemplificar, uma das “revoluções” mais emblemáticas ocorreu contra o Império Romano e a Arte é testemunha disso. Como se sabe Roma foi o maior Império da Antiguidade. O poder totalitário que exerceu conquistou praticamente o território que corresponde a mais de quarenta países, com mais de cinco milhões de Km². Entre Europa, África e Médio Oriente, com uma população estimada em torno de 60 milhões.

Entre o apogeu e queda deste imenso império, surgiu um pequeno culto realizado às escondidas nas catacumbas (sepulcros) de Roma, que homenageava e venerava um líder espiritual (e revolucionário), condenado e executado sob o regime romano: Jesus de Nazaré. As provas desse culto ainda podem ser vistas nas catacumbas por meio de imagens criadas para representar, consignar e consolidar esta personalidade. Signos, símbolos e depois representações de figuras divinas vão se desenvolvendo ao ponto de se transformar num dos cultos mais fortes da humanidade.

Como se sabe também os cultos romanos eram politeístas e vários deuses eram homenageados pelos muitos templos edificadas para devoção. Ao Contrário os adoradores de Jesus, adoravam um Deus único, eram uma minoria, sem poder, submissa e refém da vontade dominante. Perseguidos e exterminados pelo poder romano, se refugiavam nas catacumbas para render homenagem ao seu deus. Bem, ao olhar para esta situação, se vê que embora a repressão fosse intensa e cabal, eles resistiam e, para marcar essa resistência criaram símbolos:

O Bom Pastor: aquele que cuida bem de suas ovelhas e protege da adversidade; A figura do Orante, o que manifesta sua fé pela prece; O X e o P do alfabeto grego superpostas identificam o cristão; O Peixe, *IXTHYS* do grego cria um acróstico que diz: Jesus Cristo filho de Deus salvador; Árvore da vida: cresce para o céu amparada pela terra; Pomba, a paz divina; As letras Alfa e Ômega, do alfabeto grego simbolizam Deus como princípio e fim; A Âncora, como substituta da cruz ou resistência da fé; A Fênix, da mitologia egípcia, ave que ressurge da morte; O Cordeiro que representa o sacrifício; O Pavão que significa a ressurreição e a Barca que significa a Igreja.

Pode-se dizer que tais símbolos eram manifestações que procuram meios para sobreviver ao apagamento imposto pelo império Romano àqueles que não seguiam as regras e dogmas de suas religiões. Somente depois de liberada a religião Cristã pelo Imperador Constantino é que os seguidores de Cristo desenvolveram o Cristianismo que, por ser uma espécie de herdeiro da decadência do Império Romano, ocupou seu território e se tornou uma das religiões mais poderosas a partir dali. Assim, passou a apagar, negar, perseguir e exterminar as outras, as Cruzadas são prova disso.

Cabe ressaltar que os ensinamentos de Cristo são válidos o que não é válido é sua apropriação para instrumentalizar e perpetuar o poder de uma ou outra instituição religiosa. O jogo do poder é perverso e desumano ora de um lado ora de outro, há sempre alguém sob ameaça da violência e da repressão, por isto perdura à despeito do humanismo e das lutas pela liberdade, libertação e igualdade dos povos... O grande problema é que ao atingir e subverter a ética e a moral transforma os indivíduos em insensíveis e insensatos, é o triunfo maniqueísta do mal contra o bem. Quando o indivíduo vê no seu igual alguém que o ameaça adota a violência.

Percebe-se também o exercício desta estratégia quando se olha para a prática colonialista de apropriação de bens materiais e civilizatórios de grupos étnicos ou nações, travestindo tal prática de “Proteção” por meio de Expedições Arqueológicas e/ou Históricas, destinadas a identificar, recolher e se apropriar de obras e demais produtos culturais como forma subliminar de exercício e consolidação da dominação. Culturas locais reprimidas, exterminadas só aparecem em peças de museus e nomes de logradouros públicos.

Por meio da submissão do patrimônio imaterial aos acervos de instituições museológicas toma, simbolicamente a consciência e a identidade do outro. Basta observar o acervo de boa parte dos Museus de História Natural ou de Arte do mundo ocidental os quais estão repletos do espólio e da herança cultural de civilizações e povos que não tiveram a oportunidade ou as condições de se manterem íntegras e tampouco vivas para reivindicar suas posses e sua dignidade. E as pessoas se regozijam e pagam para ver...

Nesse sentido a ideia de *Apagamento* corresponde à condição social em que o poder instituído atua no intuito de fazer tábula rasa de valores, identidade de grupos, etnias e nações promovendo o *Apagamento Cultural e identitário*, com o fim de reduzir os anseios de autonomia e liberdade dos dominados impondo-lhes valores pela propaganda e/ou pelo medo e com isso, exerce com mais eficiência seu domínio, aumentando a centralização e o acúmulo de poder.

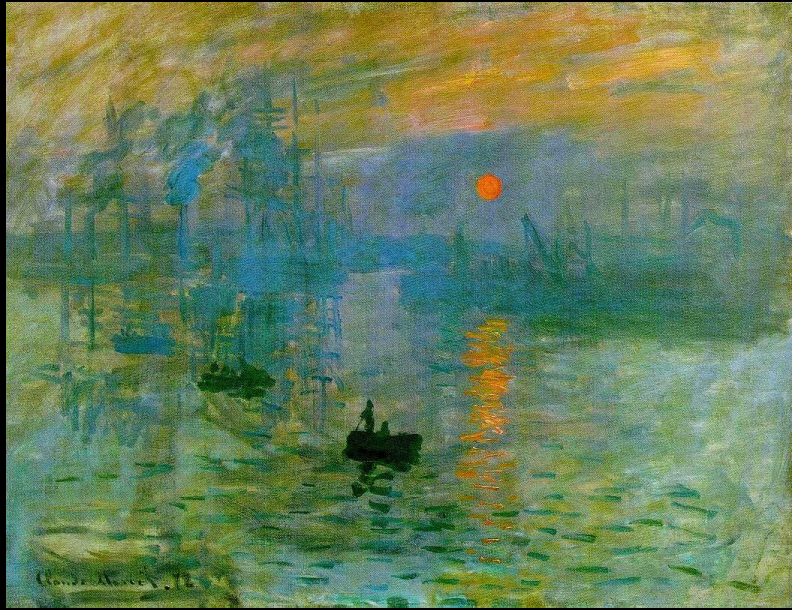
Como resistir a isto?

Olhando o percurso da Arte, pode-se dizer que a produção artística cumpriu sua função social muito mais próxima do poder do que da expressão de sua própria identidade. Até o século XIX, o gosto acadêmico instaurado e defendido pelo poder da nobreza, igreja e da burguesia tornou-se um padrão hegemônico amparado na tradição clássica acadêmica dominando a produção artística. Afastar-se dele era uma sentença de morte ou ostracismo social e econômico. Ao contrário, manter-se com ela era uma garantia de sobrevivência, sucesso e distinção, um modo de afastar-se do *Apagamento compulsório*.

Mas isso não duraria para sempre, de novo entram em cena as tentativas da Arte Visual de resgate de sua autonomia expressiva e sua individualidade, passa a buscar com mais vigor e efetividade suas próprias estratégias de criação se afastando da tradição e inaugurando um novo processo. Isto resultou no advento da Modernidade em fins do século XIX.

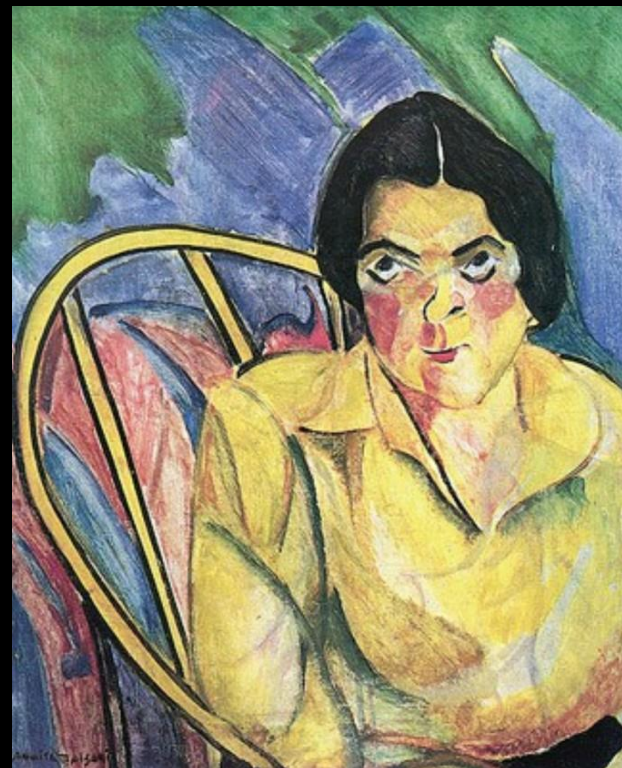
Por outro lado, atitude dos conservadores foi a de denegrir, desqualificar e reprimir as manifestações que se opunham, contestavam ou contrariavam o *status quo*.

Basta lembrar as reações que advieram das primeiras manifestações contra as Vanguardas Modernas. Defensores da Arte tradicional passam a detratar e desqualificar os artistas inovadores que, segundo eles, só eram capazes de obter uma mera “Impressão” do sol nascente, agir como “Feras” ou praticar “Bizarrias Cúbicas”. Estas foram as palavras usadas para desqualificar manifestações como o Impressionismo, o Fauvismo e o Cubismo ditas pelos críticos Louis Leroy e Louis Vauxcelles em defesa da visão hegemônica e conservadora no intuito de *Apagar*, extirpar da sociedade aqueles que insurgiam contra a Arte dominante.



“Impressões do sol Nascente” de Monet; “Harmonia em Vermelho” de Matisse; “Violino e Cântaro” de Braque. Seus autores foram detratados pela crítica e pelo mercado no seu tempo por terem rompido com os modos e temas aos quais a sociedade da época estava habituada e defendia.

O mesmo aconteceu no Brasil com Anita Malfatti, em sua exposição de 1917, quando Monteiro Lobato, numa crítica extremamente dura e desqualificadora dizendo que seu trabalho é fruto de “Paranoia ou Mistificação”. Se é paranoia decorre de um distúrbio mental, como loucura, se é mistificação é algo realizado sem convicção e consciência, feito apenas pelo fato de ser inovador ou “estar na moda”. Enfim, tais colocações são depreendidas do texto do criador da Boneca Emília e o Sítio do Pica-Pau Amarelo. Para ter uma noção melhor das crenças “lobatiana”, leia ao lado quando diz que ela pratica uma:



Anita Malfatti,
“A Boba”,
1916

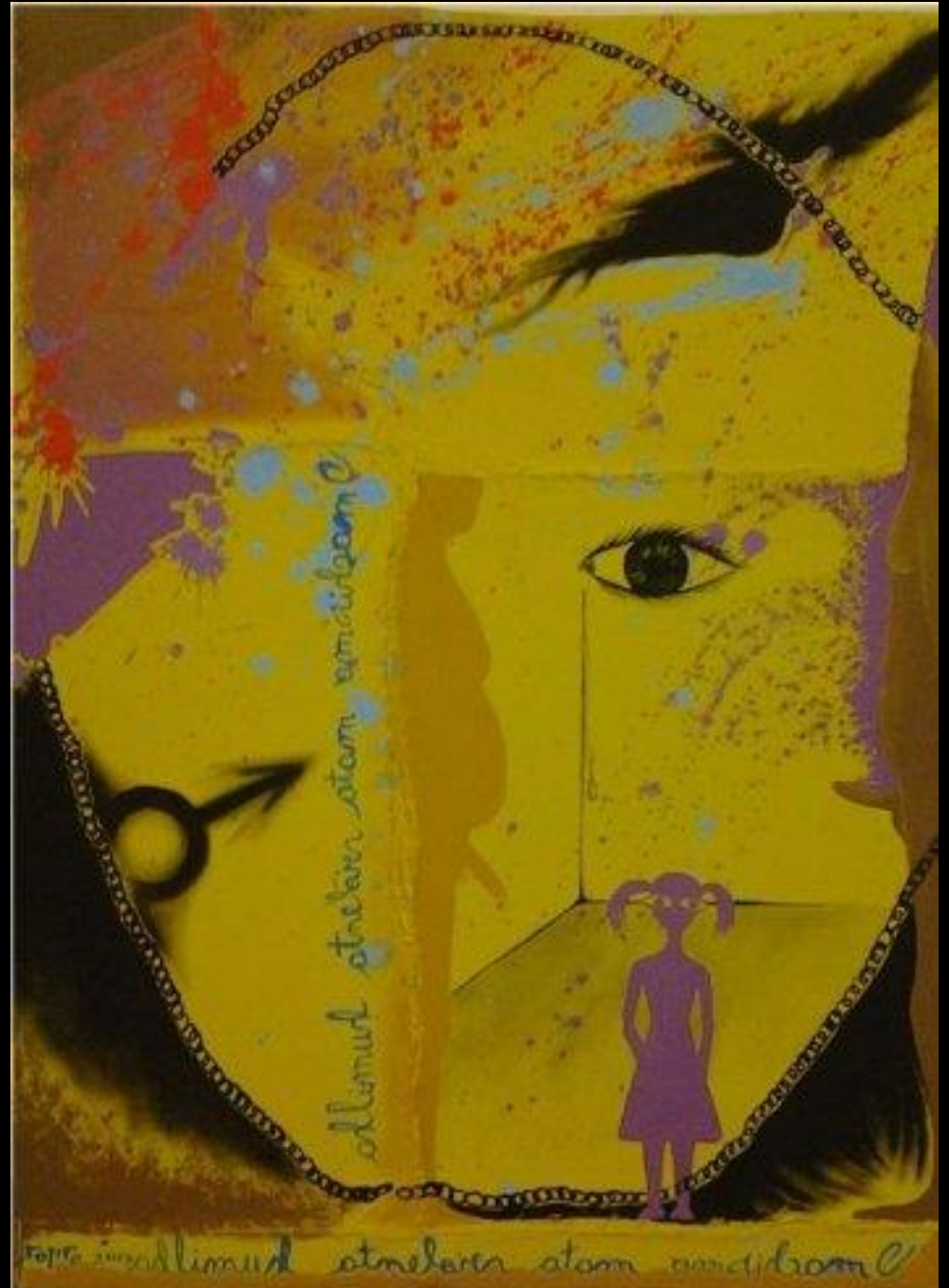
...“estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso e companhia..., seduzida pelas teorias do que ela chama arte moderna, penetrou nos domínios dum impressionismo discutibilíssimo, e põe todo o seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura. Sejam sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e tutti quanti não passam de ouros tantos ramos da arte caricatural”.

Embora reconheça, em parte, as qualidades da pintora, diz que tais qualidades foram subvertidas pela falsa crença de que a Arte Moderna é uma tendência ilusória um modismo passageiro, uma falácia estética que nada mais é do que caricatura, ou seja, imagem deformada da realidade.

Percebe-se no texto uma atitude conservadora e a falta de escrúpulo em usar o trabalho de alguém como estratégia para expor sua opinião. Se a questão dele era a descrença na Arte Moderna, poderia muito bem fazer isto sem usar Anita Malfatti como “bode expiatório”.

Se este tipo de atitude e prepotência parece muito distante ou muito longe do tempo presente, vamos atualizar um pouco esta visão. Em 2017, um fato bem recente, a mostra: “Queermuseu - cartografias da diferença na arte brasileira”, que reunia obras de 85 artistas como Volpi e Portinari, entre outros, após críticas de movimentos religiosos e do Movimento Brasil Livre (MBL), foi suspensa na galeria em que estava sendo realizada e não pode ser instalada em outras como originariamente previsto. Uma mostra de que o conservadorismo ainda dá cartas.

Ainda em 2017, fato semelhante ocorreu no MARCO - Museu de Arte Contemporânea de Campo Grande, MS, em que um Delegado da Delegacia Especializada de Proteção a Criança e ao Adolescente apreendeu um dos quadros da artista mineira Alessandra Cunha Ropre por supor uma pretensa apologia à pedofilia... Estes são fatos que tipificam tentativas de *Apagamento* hoje em dia. Segundo a autora a obra pretende o contrário: denunciar a pedofilia. Mas ao que parece, basta colocar títulos marcantes nas obras para que sejam vítimas de agressões e disparates como este.



Isto lembra muito bem momentos de exceção de repressão nos quais a censura limita o que a imprensa pode ou não dizer: “o que os olhos não veem, o coração não sente”.

Enfim, as estratégias de Apagamento são usadas o tempo todo. Seja pela repressão ou pela censura, pela maledicência ou pela desqualificação. O que eu não gosto eu combato, anulo, reprimo e extingo. Isto ocorre também no contexto macro, não basta fechar um museu, uma galeria é mais eficiente não investir em cultura, em educação e deixar a sociedade à mingua...

O afastamento da Arte das funções pragmáticas que a caracterizaram nos séculos anteriores, a partir do Modernismo, ao contrário de apagar sua presença na sociedade, promoveu a intensificação de novos processos poéticos, estéticos e investigativos. Pode-se dizer que as tentativas de desarticulação e *Apagamento* a consolidou como campo de atuação reconhecendo-a como autônoma e propositiva ampliando os estudos e pesquisas realizadas sobre ela e por meio dela. Hoje em dia é comum manifestações mais engajadas na diversidade e em defesa da sociedade do que foi em outros tempos.

A partir do Modernismo a Arte passa a explorar novos processos e proposições estéticas dando vasão às tendências conceituais. A partir de então *instaura sua presença como forma de investigação* e constitui um *campo conhecimento específico* que antes não era visível tampouco respeitado. Na medida em que o aprofundamento da Arte na investigação expressiva lhe traz mais autonomia, personalidade e criatividade também a afasta da classe dominante que, por não conseguir mantê-la sob seu domínio, passa a negá-la, ou seja, tentar *apaga-la*.

No entanto, não se pode ignorar também que ao mesmo tempo em que havia uma ruptura com o modelo ou padrão de gosto anterior, as vanguardas vão sendo adotadas por novos públicos: já que não é possível vencê-la, alia-se a ela. A nova geração burguesa, que surge a partir da industrialização, instaura o capitalismo predatório e consumista com pouco apreço e nenhum compromisso com a tradição e se torna a principal destinatária do espólio da Arte Moderna e investidora da Arte Pós-moderna, cuja preferência resvala e dialoga, quase sempre, com a Indústria Cultural e o mercado, onde com cifras extremamente altas transforma obras em verdadeiras âncoras financeiras prontas a serem renegociadas por valores cada vez mais elevados.

Um exemplo disso é a obra de Vincent Van Gogh, “A Arlesiana, Madame Ginoux”, que obteve 40,3 milhões de dólares em leilão da Christie’s em NY. O mais irônico é que Van Gogh, em toda sua vida não conseguiu vender quase nenhuma de suas obras, viveu precariamente às expensas do irmão, sofrendo humilhações e o descaso da sociedade. Marginalizado, oprimido e depressivo comete suicídio. Que sociedade é esta?

Bem, é a que existe até hoje e continua praticando suas “maldades” contra os indefesos...



Obras de Arte, antes negadas, desqualificadas passam a ser leiloadas por valores astronômicos. Seria, quem sabe, o reconhecimento tardio de sua importância? Não! É apenas mais uma estratégia de neutralização ou *apagamento* menos agressivo, mas igualmente eficiente. Agora, ao invés de confrontá-las parece ser mais eficiente transformá-las em bens de consumo, em produtos mercantis, numa espécie de *commoditie* e, deste modo, destituí-las de seus valores originais, estéticos e culturais, de suas raízes antropológicas, étnicas ou sociais.

Recolhendo-as aos acervos particulares ou institucionais elas são afastadas de sua identidade, de sua função social e do público. Se antes a apropriação da Arte era exercida pelo poder para usá-la como instrumento de dominação, hoje ele se apropria dela para neutralizá-la, reduzir ou anular sua capacidade de reflexão, contestação e libertação tornando-a refém demonstrando o poder do mercado sobre elas. Mesmo aqueles mais radicais e inconformados acabam sendo cooptados pelo processo mercantil e se submetendo ao sistema.



Uma obra de Banksy, grafiteiro irreverente, é colocada em leilão na Sotheby's, durante o fechamento do leilão é fragmentada diante da surpresa do público quando atingia o valor de 1,18 milhão de euros, mesmo assim o comprador (anônimo), manteve a aquisição, adquirindo uma obra semi-fragmentada.



Cranio, grafiteiro diante de uma de suas obras em muro urbano.



Exposição MayDay de Cranio em galeria paulista, outside/inside...

Neste sistema é fácil cooptar, fabricar convencer as pessoas a participarem do processo, basta acarinhá-los com altos valores, com a distinção ou o reconhecimento glamuroso da mídia tornando-os celebridades do dia para a noite e assim desloca-los de seu ambiente social transformando-os em estrelas (cadentes?). O surgimento da Pichação como atitude inconformista e *undeground* se tornou o Grafite, atitude mais conformada com o contexto atual com grande chance de tornar-se celebridade, basta ser “descoberto” por um bom agente ou galerista.

Neste sentido o Apagamento não se refere apenas à exclusão, à repressão, mas também à inclusão ordenada e promovida pelo sistema que é um modo de refrear e arrefecer os ânimos. Dificilmente um artista cooptado pelo sistema irá confrontá-lo. Domar é um meio de conviver com as feras...

Não basta apagar, tem que subjugar. Por outro lado, independente das posições sociais, ideológicas, mercantis ou pessoais que os artistas tenham, não se pode esquecer que a Arte permanece, independente dos modos como sobrevive.

Não é porquê alguns foram submetidos à vontade alheia, cooptados ou obrigados a agir de acordo com as regras dominantes que a Arte se tornou menor ou menos importante. É necessário entender estes processos e isto cabe ao ensino, à educação, aos sistemas de manutenção, preservação e conservação de bens culturais. Não é porquê as estratégias de dominação usam recursos para dominar, submeter, reprimir que os artistas ou a Arte seja menor ou pior, ela é apenas um dos reflexos do que a sociedade ou a humanidade é, portanto, ela não tem que ser punida pelos erros dos outros.

Se a sociedade ainda não encontrou o caminho para ser melhor, não significa que todos tenham que acompanhar esta tendência, ao contrário, é necessário continuar lutando para que as coisas mudem.

Para que o sistema social como um todo reconheça em cada indivíduo seu valor, sua humanidade a Arte é um dos meios através do qual é possível vislumbrar isto.

Não quer dizer que a Arte, por si só, vá mudar o mundo.

A Arte é um dos meios de olharmos para o mundo de outra maneira, de conhecer e reconhecer o ser humano por outros caminhos. Se o ser humano na pré-história intuiu que a Arte transformaria o seu cotidiano, nem que fosse pelo simples fato de ter o domínio simbólico sobre ele, porquê não investir nessa ideia e continuar acreditando que os responsáveis pelo nosso destino somos nós mesmos. Um dia, quem sabe, tudo será melhor só assim é possível suportar a realidade.

Reclusão na Arte Visual.

A questão da *Reclusão* veio à tona por conta do isolamento social decorrente da pandemia provocada pelo COVID 19.

Reclusão se refere ao isolamento, normalmente compulsório, ao qual algumas ou muitas pessoas são submetidas em certas circunstâncias sociais, especialmente relacionadas à saúde individual ou coletiva. Nesse caso, pessoas compelidas ao isolamento podem manifestar alterações mentais e comportamentais originárias ou decorrentes dessa situação requerendo atenção especial.

Os estudiosos comportamentais ou da mente passaram a usar como recurso de observação ou avaliação de condutas, as imagens produzidas por essas pessoas como meio auxiliar para diagnóstico e/ou tratamento.

Nesse contexto surgiram também autores que defenderam tais atividades como manifestações estéticas ou como estratégia terapêutica chamando-as de Arte Terapia.

Assim, as manifestações de pessoas mantidas ou submetidas a circunstâncias de isolamento passaram a ser entendidas ou reconhecidas como Artísticas.

A questão da reclusão na Arte foi tratada conceitualmente por Jean Phillippe Arthur Dubuffet (1901-1985), pintor francês. Após a segunda guerra mundial, passa a visitar asilos, prisões, hospitais psiquiátricos, lugares em que as pessoas eram mantidas em isolamento por diferentes motivos e necessidades. Conhece o trabalho publicado pelo médico suíço Hans Prinzhorn: A Arte dos Doentes Mentais. A partir dessas visitas, entrevistas e estudos cunha o termo Art Brut, uma nova categoria de Arte.

Os estudos do Dr. Prinzhorn repercutem no trabalho de médicos brasileiros como Dr. Osório Cesar e a Dra. Nise da Silveira que usam trabalhos em Arte Visual como estratégia terapêutica para seus pacientes em clínicas de doença mental. Dubuffet reconhece a expressividade, a liberdade estética e a personalidade nesses trabalhos alheios ao sistema de Arte vigente e passa a defender a produção espontânea e autodidata como um recurso importante para o exercício autônomo da Arte. Faz severas críticas à cultura artística dominante e, principalmente, à exclusão que pessoas, comunidades, etnias e criações sofrem da cultura hegemônica.

Os Artistas Reclusos.

Como Dubuffet, outros teóricos e críticos, já estavam de acordo com a existência de manifestações mais espontâneas a partir da chamada Art Naif, (Arte Ingênua), homologada pelas obras de Rousseau em fins do século XIX, com aportes do Simbolismo e depois do Expressionismo em fins do século XIX e início do século XX. Nesse sentido seria complicado regredir ao estágio anterior de tendência clássica e hegemônica e negar que Dubuffet tivesse razão.

Pelo sim, pelo não, a Arte Naif e Art Brut passam a compor o rol de manifestações artísticas e serem reconhecidas pela História da Arte no mesmo pé de igualdade com as demais manifestações admitidas nesse universo "seletivo". Nesse sentido o caráter "espontaneísta", não intencional, não volitivo, não propositivo e, em geral, alienado de qualquer relação com o contexto social e cultural passa a ser também entendido como artístico. Nesse sentido coloco numa posição mais "agnóstica": entre o sim e o não... Vale o talvez.



Henry
Rousseau. The
Bank of Oise,
1905.

Alguns
nomes como
Adolf Wolfi,
Willen van
Genk e
Carlo Zinelli
entre outros,
estimularam
as reflexões
de Dubuffet.

Adolf Wolfi:





Willen van Genk.



Carlo Zinelli

No Brasil o Dr. Osório Cesar, no Hospital Psiquiátrico do Juqueri em Franco da Rocha, São Paulo, são referência do uso da Arte como abordagem terapêutica em busca da humanização das terapias nessa área. Fundou neste hospital a Escola Livre de Artes Plásticas, promoveu mais de cinquenta exposições de desenhos e pinturas de seus internos. Publicou um grande número de obras sobre a expressão artística dos alienados, dentre elas: *Misticismo e Loucura*.

Uma curiosidade: sua esposa foi Tarsila do Amaral.

No Rio de Janeiro ganha destaque o trabalho da Dra. Nise da Silveira, que atuou inicialmente no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Engenho de Dentro, onde criou a Seção de Terapêutica Ocupacional e depois o Museu do Imaginário com obras dos pacientes.

Mais tarde funda a Casa das Palmeiras no Rio de Janeiro, destinada à reabilitação de ex-pacientes, usando aí a ideia de Arte/Terapia.

A primeira exposição de Art Brut, organizada por Dubuffet em 1949, na Galeria Drouin em Paris, ele fala de “arte marginal” como anti-cultural, uma criação essencial do ser humano, na qual encontraríamos “os processos naturais e normais da criação artística, em seu estado elementar e puro”, isso resume a Art Brut. O estado puro ao qual se refere, diz respeito ao fato de que tais produções não são filiadas ou têm conhecimento do Sistema de Arte vigente.

A ideia de uma Arte “pura” atávica é animadora, talvez um retorno à ancestralidade, a um processo em que o ser humano estivesse isento das influências do contexto socioeconômico e, por isto, puro. Obviamente que se tratando de pessoas com domínio pleno de suas “faculdades mentais”, isto é impossível de acontecer, daí a valorização do trabalhos dos Reclusos que poderiam se a “salvação da Arte”...



Dubuffet assume, ele mesmo, a essa postura e adota essa tendência estética em seus trabalhos.



Jean Dubuffet



Jean Dubuffet.

Dubuffet prega a admissão de que esse "estado elementar e puro" só é possível a partir de um isolamento cultural, o que é praticamente impossível para quem está submerso na cultura, mas que por um isolamento social, típico daqueles que estão apartados do grupo por questões de saúde, velhice ou crimes e ainda, aqueles em isolamento mental, sem contato com o meio por serem acometidos de psicopatologias, perdem a noção de realidade, nesses dois casos, podem revelar manifestações mais individualizadas e menos contaminadas pela moda, estilos e preferências culturais.

No Brasil, um dos representantes deste tipo de manifestação é Artur Bispo do Rosário. Interno por mais de 50 anos na Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro, onde faleceu.

Dotado de alta capacidade criativa e criadora desenvolveu durante todo o tempo de seu internado um conjunto imenso de obras que constam do Museu Bispo do Rosário, local da antiga colônia psiquiátrica na qual residiu a maior parte de sua vida. Sua obra tipifica este tipo de comportamento e comprometimento social.

Em 1981, Walter Zanini, curador da 16a. Bienal de São Paulo, incluiu Artur Bispo do Rosário no módulo "Arte Incomum", com acervos internacionais de *Outsider Art* e *Art Brut*, além de coleções oriundas dos hospitais psiquiátricos do Engenho de Dentro e do Juqueri. Em 1982 o crítico Frederico de Moraes também inclui seus trabalhos na exposição realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro: *À Margem da Vida*, na qual são mostradas obras de presidiários, menores infratores, idosos e internos da Colônia Juliano Moreira.



Artur Bispo do Rosário



Manto da
Apresentação

Artur Bispo do
Rosário



Artur Bispo do Rosário na Bienal de Veneza



Artur Bispo do Rosário



Carrossel, Artur Bispo do Rosário.

Em 1956, a Dra. Nise da Silveira inaugura a Casa das Palmeiras, para dar suporte aos egressos do hospital psiquiátrico. Nessa instituição independente de convênios, espécie de "território livre". O método de trabalho é baseado na atividade criadora articulado por meio da relação entre razão e sentimento, corpo e psique. A arte ocupa lugar central nessa prática terapêutica, contudo a intenção não é Obras de Arte, tampouco formar artistas, mas oferecer caminhos para que os doentes expressem seus conflitos internos por meio de manifestações simbólicas.

Embora o trabalho da Casa das Palmeiras não tenha qualquer finalidade artística, isso não impediu, como vimos, os críticos, artistas e a comunidade, em geral, de considerar e mesmo consagrar muitas obras e personalidades egressas desse ambiente, como artistas. O projeto acabou dando origem ao Museu de Imagens do Inconsciente, que acabou por revelar vários artistas. Entre eles podem ser citados: Emygdio de Barros, Abelardo Correa, Carlos Pertuis, Arthur Amora, Geraldo Aragão, Raphael Domingues e Lúcio Noeman.



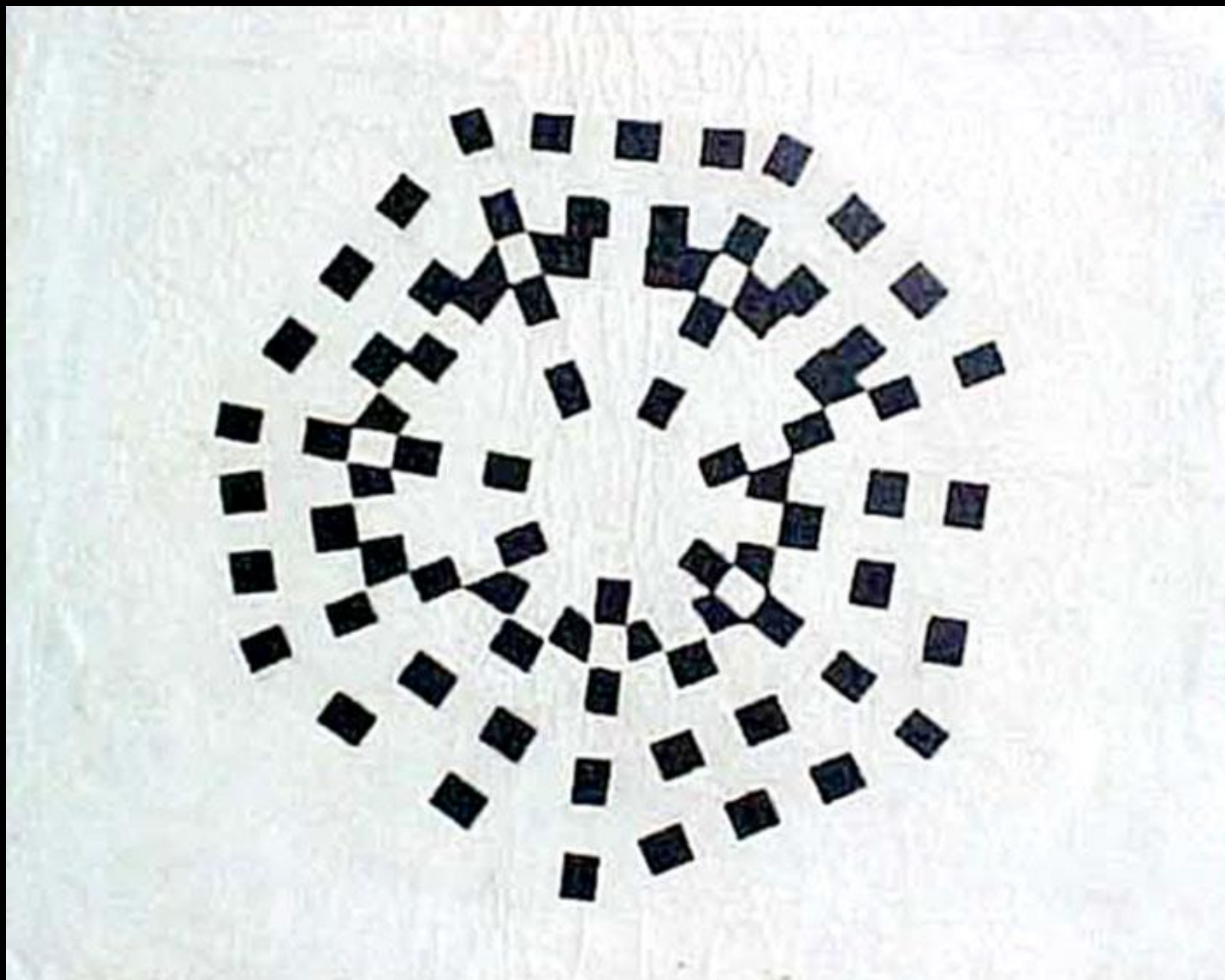
Emygdio de Barros



Abelardo Correa.



Carlos Pertuis.



Arthur Amora.



Geraldo Aragão.



Raphael Domingues.



Lúcio Noeman.

Como vimos, pelos trabalhos clínicos desenvolvidos com pessoas Reclusas, a Arte tem potencial para atuar como "Mediadora Terapêutica" dentro de uma abordagem psicossocial e, nessa mediação, é possível identificar, pelo menos, cinco características da Arte que se mostram como tendências ou abordagens que podem surgir ou serem destacadas em maior ou menor grau no contexto terapêutico, conforme o caso: Expressiva, Criativa, Recreativa, Reparadora e Integradora. Nesse sentido é que entendo essa ponte entre a Arte e a Terapia.

Como atividade Expressiva pode proporcionar às pessoas meios para sua autoexpressão; Como recurso criativo pode abrir a mente para novas soluções e caminhos; Como atividade recreativa pode proporcionar momentos de contemplação e ludicidade; Como atividade reparadora possibilita o exercício psicomotor e de motricidade fina; Como atividade integradora cria redes de diálogo entre as pessoas, tornando-as mais próximas umas das outras ao compartilhar suas ideias e valores.

Assim a Arte pode ser um recurso para promover o bem-estar e integralizar o indivíduo operando em três níveis de desenvolvimento mental: cognitivo, psicomotor e afetivo (mente, corpo e emoção). Nesse sentido a Arte Terapia tem potencial para realizar uma abordagem de caráter holístico, capaz de envolver o indivíduo como um todo.

É possível então defender o campo das Terapias que se apropriam dos fazeres da Arte como estratégias de aproximação e diálogo com os indivíduos em busca do estado de estabilidade/equilíbrio emocional ou psíquica e, em alguns casos, psicomotora e assim mitigar a Reclusão.

No contexto da Arte Atual, este tipo de atividade pode ser somado ao conjunto de manifestações possíveis. Não é incomum encontrar ocorrências afastadas do Sistema de Arte vigente na atualidade. Não se pode considerar que a Arte só ocorra dentro de um Sistema regulado e hegemônico, mas que surja também em ambientes menos formais como no ambiente popular no qual as informações eruditas não chegam.

***A Autoformação em Arte
Visual.***

Para fazer ou pensar Arte é necessário ter formação na área?

Essa é uma questão recorrente, especialmente a partir do momento em que se admite que o ser humano isolado de seu contexto vivencial, produz manifestações distintas daqueles que estão envolvidos no contexto social e cultural, logo, a pergunta é válida: Para fazer Arte Visual é necessário frequentar um Curso?

Se a Arte surgiu espontaneamente, porque se tornou uma área de formação específica e ainda, no Ensino Superior?

A resposta mais direta é: se tornou uma área de conhecimento assim como as demais áreas que correspondem ao conhecimento humano para os quais é necessário especialização. Se a Arte passou pela artesanaria e se tornou uma habilidade, depois um requinte social e hoje uma área de conhecimento, é necessário fazer um curso superior para se preparar para exercer funções e atividades nele.

As Corporações de Ofícios que surgiram desde a Idade Média, eram organizações de mestres de uma área que tinham por finalidade preservar a qualidade, características e autorizar o exercício profissional. Eram também conhecidas por Guildas. Era comum então a existência de guildas de artistas como de outras profissões que autorizavam e aferiam as condições para o exercício profissional daquela área.

O processo de “formação” em Arte ocorria na prática, por conta própria ou nas oficinas dos artistas que aceitavam aprendizes para os iniciarem nos fazeres, domínios e habilidades artísticas. Com o tempo, poderiam se tornar Mestres. O ensino formal de Arte surge com a *Accademia delle Arti del Disegno de Florença*, foi fundada em 1563 por *Cosimo di Medici I*, seu patrono e mantenedor, por sugestão de Giorgio Vasari. Foi a primeira academia destinada exclusivamente ao preparo de artistas.

As Academia surgem como alternativa às Guildas pois não estariam vinculadas às prescrições dos Mestres proprietários das oficinas e sim a um sistema de formação vinculada aos mestres e seu patrono. Vários artistas foram associados às Academias, normalmente, aqueles que prestavam serviço aos patrono como Da vinci, Michelangelo e Raphael, entre outros.

Com o surgimento das Academias, de lá para cá os projetos pedagógicos, ou seja, os modos como se pensa e se promove o ensino no campo da Arte mudou bastante. Contudo as pessoas que fazem, pensam, difundem ou comercializam Arte, nem sempre, passaram por esse processo de ensino. Dai focar a questão da Autoformação ou do Autodidata.

Ser Autodidata não significa que o artista é um ignorante, significa apenas que não se submeteu ao processo formal de ensino.

O Autodidatismo em Arte Visual.

As Academias formalizam o aprendizado em Arte a partir do momento em que estabelecem critérios, processos e conteúdos necessários para preparar um artista.

A base de formação era o desenho, seguido da geometria, perspectiva, anatomia, matemática e história. O “projeto pedagógico” era centrado na preservação da tradição greco-romana e dos grandes mestres. Domínios e habilidades eram mais importantes do que a liberdade criativa.

Da Vinci teria dito: *“toda a prática deve ser fundamentada em uma teoria sólida”*

O domínio de técnicas e habilidades foi a matriz de formação que orientou e se difundiu por meio do ensino acadêmico até as escolas tradicionais de Belas Artes. A partir dali o ensino formal, passa a ser o caminho para quem se propõe a fazer e conhecer Arte. Fazendo o raciocínio inverso, os primeiros mestres das academias não tinham formação “acadêmica” eles *eram* a própria academia. Então eram “autodidatas” por excelência e por definição.

Numa acepção mais direta *Autodidata* é alguém que aprende por si só.

Nas primeiras sociedades humanas o conhecimento era desenvolvido por meio de esforço próprio. Por não haver estrutura educacional, quem aprendia o fazia por meio de suas observações, experiências, reflexões e constatações. Assim foi, por exemplo, como os filósofos gregos desenvolveram conhecimentos e teorias. Entretanto, na medida em que os conhecimentos se difundiam, mais pessoas tomavam posse dele e o expandiam a ponto de, em algum momento, ser necessário categorizá-los e formalizá-los.

De certo modo a formalização ou o ensino formal, reduz a necessidade e o esforço do autoaprendizado. Não há necessidade de abrir outro caminho se a estrada já está pavimentada... Basta caminhar por ela e, se possível, estendê-la para além. É nisso que consiste o que chamamos de Ciência, pesquisa e ensino.

Por outro lado não se proíbe que alguém se dedique ao seu próprio aprendizado, considerando inclusive que hoje em dia é muito mais fácil já que muito do conhecimento produzido é acessível por meio de literatura especializada.

Considere-se ainda que boa parte das informações sobre várias áreas estão disponíveis em diversas mídias como as digitais, por exemplo. Ser autodidata hoje em dia é bem diferente de ser autodidata na Antiguidade ou na Idade Média...

O acesso a informação e aos métodos de aprendizagem são mais abertos. Com motivação, interesse, predisposição e dedicação é possível adquirir muito conhecimento sobre as coisas em geral. Mas se a área de interesse for de domínio técnico ou profissional regulamentada, não adianta ser autodidata, é necessário credenciar-se para o exercício da profissão.

É possível conhecer tudo sobre direito civil, por exemplo, mas se não for bacharel em direito e ainda, se não for aprovado no exame da Ordem dos Advogados do Brasil, não poderá exercer a função ou a profissão de Advogado, ou seja, será sempre um simples rábula...

O mesmo pode ser dito sobre áreas como da saúde ou das engenharias, arquitetura, museologia e tantas outras que são regulamentadas para o exercício profissional e vinculadas a Conselhos e Ordens profissionais corporativas. Ninguém vira médico por autodidatismo, será no máximo, curandeiro...

Mas... Contudo, todavia, porém, entretanto...

Em Arte pode!

É possível que alguém se autodenomine artista, atue e exerça essa atividade na sociedade sem qualquer restrição ou limitação. As únicas restrições que existem se referem ao campo acadêmico (entendido aqui como campo de ensino). Para ser professor em Arte, em qualquer dos níveis de ensino, é necessário ter formação superior como Licenciatura ou Bacharel na área. A licenciatura é exigida para o ensino fundamental e médio e, no nível superior basta ser bacharel e pós-graduado como mestre e doutor.

No contexto do ensino superior no Brasil, o desenvolvimento da área de Arte como *campo de conhecimento* e não como área de técnicas e de habilidades, passou a exigir cada vez mais especialização teórica e conceitual desses profissionais.

O advento da Modernidade fez com que a formação em Belas Artes centrada em grande parte no domínio de técnicas e processos reprodutivos, passasse a desenvolver conceitos e proposições nas quais os valores não se baseavam apenas na visualidade, mas na estruturação e significação.

Assim o Ensino em Arte, hoje em dia, reforça mais os valores de ordem conceituais e conceptivos do que os executivos.

O grande problema decorrente do Experimentalismo que funda a Arte Moderna, acaba por ser confundido com “técnicas” ou modos de fazer, um receituário.

Esse é um ponto importante para reflexão. Na medida em que um projeto experimental, como o Cubismo, por exemplo, é difundido, logo outras pessoas se apropriam de sua visualidade fazendo com que um processo de pesquisa se torne apenas uma receita de reprodução... Males do autodidatismo...

Com exceção do grupo de artistas que fundam um movimento, os que os sucedem são meros imitadores, pois as problemáticas que instigaram, motivaram e estabeleceram as pesquisas dos artistas fundadores, não são mais vigentes nem estão presentes nos processos reprodutivos.

Contudo não é inválido retomar, rever, repensar ou reeditar processos criativos e pesquisas técnicas, conceituais e formais anteriores como meio ou processo de criação, entendendo que reproduzir apenas é imitar e não criar.

Nesse sentido é que um Autodidata corre o risco de confundir “alhos com bugalhos”, ou seja, misturar coisas que se parecem mas não são iguais.

Grande parte do Autodidatismo resulta também da falta de informação e formação. O ensino dedicado a Arte no país é precário e isso leva a interpretações limitadas do que é ou pode ser Arte Visual.

Boa parte da compreensão do que é Arte Visual está centrada na habilidade que se tem de desenhar, pintar ou esculpir imagens tomadas por semelhança do mundo natural.

Muitos jovens que se dedicam ao fazer da Arte Visual o fazem quase que por conta própria (e autodidata) tomando por referência a observação do meio, cópias de revistas, seriados televisivos, games ou apropriação de reproduções ou fotografias.

Difilmente estes jovens partem da problematização sobre meios, materiais, conceitos e proposições. Isso só ocorre quando decidem fazer cursos de Arte em instituições de ensino superior. Mesmo assim, o choque entre o que sabem e o que se espera que venham a saber acaba, muitas vezes, inibindo o processo de aprendizagem.

Como disse antes, a sociedade não inibe ou limita o exercício em Arte Visual, como impede o exercício em áreas de domínio corporativo. Obviamente não se admite que um médico seja autodidata, tampouco um engenheiro, a regulamentação da profissão pretende proteger a sociedade de pessoas mal formadas que causem danos à sociedade. Contudo na Arte o maior malefício que podem causar é a si mesmo, ser um mau artista...

Ao mesmo tempo a sociedade não possui parâmetros para avaliar se um artista é ou não competente. A formação que possui ou adquire em sua vivência não é suficiente para avaliar isso. Mesmo na área especializada da Arte Visual os teóricos e estudiosos nem sempre estão de acordo com as questões emergentes. Basta olharmos para o passado e observar que boa parte dos movimentos artísticos modernos foram simplesmente desestimulados ou rechaçados: *Impressões piores do que um papel de parede; Bizarrias cúbicas; Manifestações de feras;* São parte de falas de críticos europeus sobre as manifestações nascentes em seu tempo.

No Brasil Anita Malfatti é confrontada por Monteiro Lobato ao dizer que suas obras são fruto de *Paranoia ou mistificação*... A própria crítica nem sempre é exercida por especialistas de formação. É comum que críticos venham de áreas incomuns e não formados para este exercício. O Sistema de Arte, entendido como um conjunto de instituições e atores dedicados ao fazer, pensar, difundir, proteger e comercializar Arte é composto por instâncias muito diferentes entre si e que não têm muito em comum.

Um galerista não é museólogo, um artista não é comerciante, um leiloeiro não é apreciador, um investidor não é um educador, um crítico não é um produtor, um curador não é um leiloeiro, etc. Ao longo da história o Sistema de Arte de cada sociedade em cada lugar e em cada época atuou de maneira diferente. Não há um projeto hegemônico para a ocorrência e compreensão da Arte, mas muitas variáveis. Portanto, entender tais variáveis é mais relevante para a formação artística do que a preparação para o exercício de uma ou outra poética específica pois, poéticas, problemáticas e proposições são da ordem do individual, da personalidade e das escolhas que cada artista faz, independente de formação regular ou informal.

Olhando para trás é possível encontrar artistas desde a pré-história, então, boa parte deles é autodidata. Ao considerar que a arte surgiu, aproximadamente, há 30.000 anos e seu ensino formal há apenas, quase, cinco séculos, deduz-se que a maior parte da Arte Visual produzida pela humanidade foi realizada por artistas Autodidatas.

Isso foi ruim? Obviamente não!

A questão do autodidatismo não se refere apenas ao fazer mas se amplia quando se refere ao conhecer.

Na medida em que ocorre a formalização do ensino para o *fazer* da Arte, paralelamente também se instaura o ensino para o *conhecer* a Arte. A Arte deixa de ser apenas o campo da práxis e se torna também o campo do pensamento, da reflexão estética e da pesquisa. Não é só o conhecimento *em* Arte que importa mas também *sobre* Arte. Antes só importava *quem* era o artista, *o que* e *como* fazia. Agora importa tudo isso e mais: *o que* faz, *quando* e *onde* faz e principalmente, *o que significa* o que faz. A validade e vigência histórica e semiótica agora importa, e muito.

Os artistas que criaram as Academias desde o Renascimento dominavam os fazeres técnicos e estéticos dentro das poéticas nas quais trabalhavam. Detinham o saber necessário ao fazer artístico. Mesmo sem se preocupar com as questões de ordem conceitual, sabiam fazer o que lhes era destinado a fazer dentro das expectativas, gostos e interesses dominantes. A autonomia estilística, criativa e pessoal não era muito importante, pois viviam de encomendas e estas eram feitas de acordo com o interesse, gosto e destino das obras definidos por quem as comprava ou subvencionava.

O reconhecimento do artista era devido às suas habilidades técnicas e não à inventividade e criatividade, o inesperado não era um fator de valor ou diferencial, mas sim a habilidade de operar segundo as regras e parâmetros definidos pelos costumes e hábitos vigentes. O que se queria é que respondesse ao que se esperava e não à surpresa.

A fundação das Academias no Renascimento veio reforçar a tendência de hegemonização de um tipo de manifestação artística aceita e dominante no contexto temporal e local que apresenta certas recorrências estéticas e estilísticas constantes.

Com base nestas recorrências Heinrich Wölfflin, historiador suíço, em seu livro *Conceitos Fundamentais da História da Arte*, destaca os aspectos formais do Renascimento em oposição aos do Barroco, identificando modos distintos de significação. Com isso lança as bases de uma Teoria da Formatividade ou Método Formalista usados para análises das obras de Arte e que ajudaram o desenvolvimento de uma semiótica da imagem no campo da Arte.

Obviamente, havendo manifestações estáveis em termos plásticos é possível analisar o contexto e obter dados mais precisos, entretanto, quando tal estabilidade desaparece, fica difícil definir parâmetros para análise.

Assim, as Escolas Estéticas como o Renascimento, o Barroco, o Rococó até o Neoclássico seguem, praticamente, uma mesma tendência estilística. Assim, acompanhar a onda era muito mais fácil, do mesmo modo que entender o que esperar dos artistas também. Já com o advento do Modernismo, os parâmetros desaparecem e surgem os Manifestos e Movimentos que indicam condutas e propõem modos de dialogar com os processos e procedimentos artísticos. Nesse sentido as Escolas Estéticas e Estilos quase que desaparecem e a autonomia conceitual e propositiva assume.

Com a autonomia da Arte, a possibilidade Autoformação também se amplia mas é interessante indicar quais desdobramentos decorreram disto. Penso que um deles poderia ser a ruptura com a formação tradicional instaurada pelo Modernismo.

Não se pode dizer que o Modernismo causou o Autodidatismo, mas pode-se pensar que foi o momento em que a formação tradicional vigente, foi colocada em xeque e a discordância com a formação acadêmica levou os artistas, no século XIX e início do XX a tomar algumas atitudes particulares:

Uma seria o abandono das academias como ambiente de formação; Outra seria tentar apagar ou abolir a formação acadêmica recebida; Outra ainda seria negar a existência das academias e buscar uma formação autônoma, ou seja, autodidata.

Boa parte dos artistas que constituíram as primeiras gerações Modernas tiveram formação acadêmica em escolas oficiais ou em ateliers privados e de artistas que seguiam, em geral, os mesmos parâmetros de ensino. A segunda e terceiras gerações já adotaram poéticas próprias.

Em termos temporais pode-se dizer que os artistas do final do século XIX e início do século XX vinham da formação tradicional. A partir da segunda década do século XX, já seria possível encontrar artistas autônomos. O motivo é simples: se as escolas tradicionais acadêmicas eram renegadas, por outro lado, não existiam outras escolas de Arte. Restava a eles, então, desenvolver proposições próprias e buscar a reciprocidade com seus pares e com a sociedade. Isso aconteceu com a primeira geração Modernista do Impressionismo e Pós-Impressionismo.

Contudo, a partir da primeira década do século XX, as manifestações eram desenvolvidas a partir de proposições geradas por meio de manifestos, dando margem ao surgimento de Movimentos que, numa compreensão mais livre, serviriam para estabelecer parâmetros e propósitos à semelhança programas de criação que passaram a ser referência em substituição aos antigos conteúdos ou projetos de ensino definidos nas escolas de Arte. Esta é uma hipótese especulativa que pode ser usada como base para esta reflexão.

O autodidatismo em Arte Visual não é uma característica apenas dos momentos em que não existiam escolas de Arte ou quando os artistas se rebelavam contra a formação acadêmica.

São várias as motivações que levam as pessoas a buscarem meios para se “formar”, aprender e se preparar para o exercício de um fazer ou de uma profissão seja artística ou não.

Talvez seja mais comum pessoas migrarem para a área de Arte por ela ser receptiva a todos e a tudo.

Ao mesmo tempo não há exigências corporativas ou profissionais para que uma pessoa possa ser considerada ou se tornar artista. É um território livre.

Independente da facilidade com que as pessoas podem adotar ou entrar na área de Arte, também é verdade que sobreviver nela é muito difícil. Nem sempre, por melhor que seja o trabalho de um artista, ele consegue ser reconhecido e viver de sua produção. Muitos artistas mantêm carreiras paralelas ou híbridas para poderem produzir criando meios para subsidiar e subvencionar sua produção.

Em todo caso, apresento alguns nomes para ilustrar essa questão.



Vincent Van Gogh (1853-1890). Nunca frequentou uma escola de Arte e é considerado um dos grandes artistas do Modernismo.

Pablo Ruiz Picasso (1881-1973). Embora tenha sido iniciado ainda criança no campo da Arte pelo seu pai que era pintor e professor de Arte, nunca conseguiu levar a termo sua formação nas Academias de Belas Artes que se matriculou. Começo a frequentar a Escola de Belas Artes de Barcelona, depois a Academia Real de San Fernando em Madri, sem terminar seus estudos em uma ou outra. Desenvolve seus trabalhos a partir das investigações e experimentações estéticas e conceituais próprias e se torna um dos maiores artistas modernos.



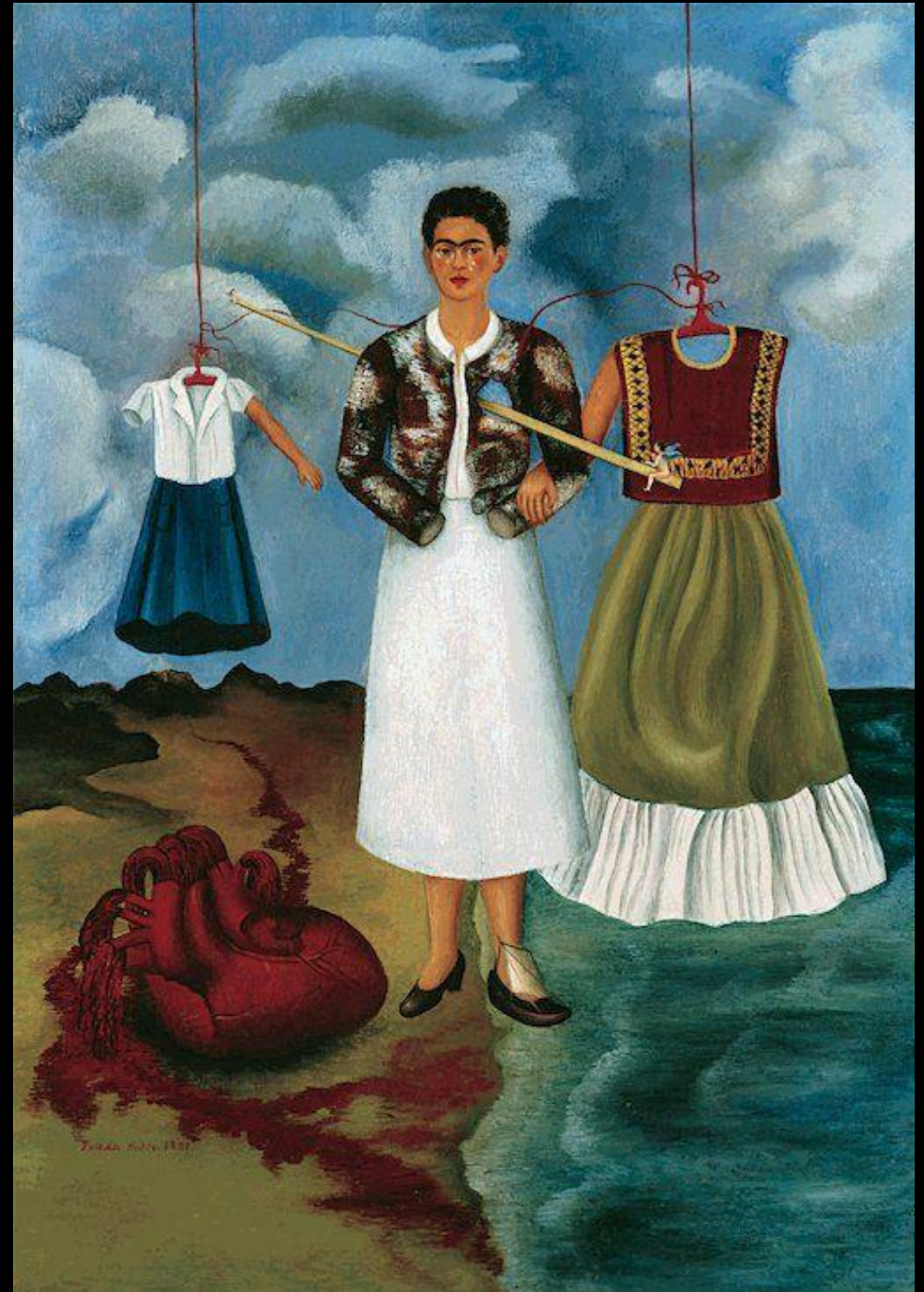
Um dos mais célebres artistas Autodidatas foi Wassily Kandinsky (1866-1944). Grande pintor, teórico, professor na Bauhaus, escritor e pesquisador. Um dos marcos da Abstração na Arte Moderna.

Embora tivesse interesses na Arte Visual e na Música, sua formação universitária completa foi em Direito e iniciou sua carreira nessa área. Mais tarde se matricula na academia de Belas Artes de Munique, mas não há referências de que houvesse concluído sua formação lá. No entanto desenvolve pesquisas pessoais e frequenta atelier de artistas para o desenvolvimento de sua prática.



Frida Khalo (1907-1954), uma das mais reconhecidas artistas mexicanas modernas. Nunca frequentou uma escola de Arte.

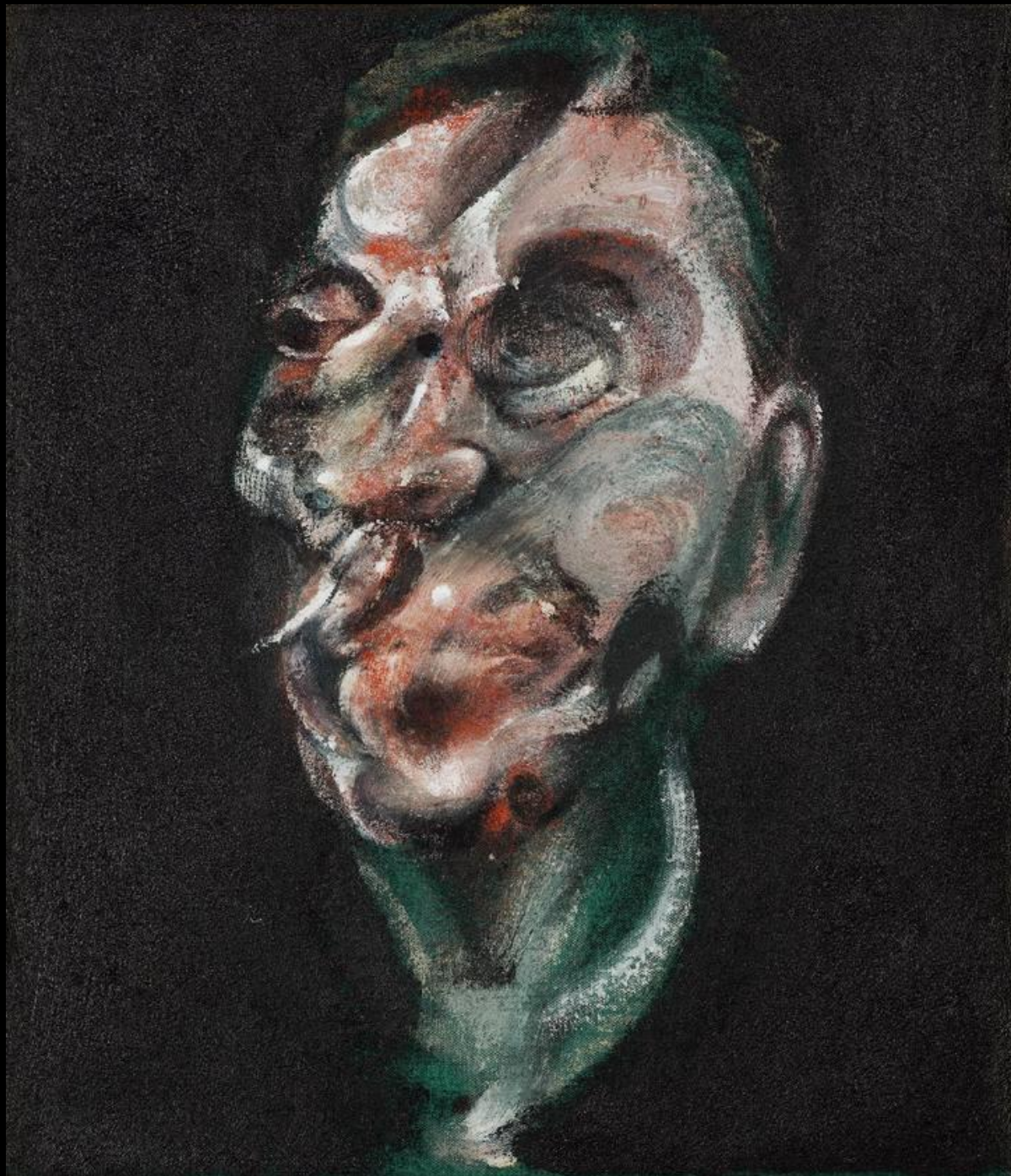
Começou a pintar por conta própria quando sofreu um grande acidente e teve que se manter imóvel por muito tempo. Desenvolveu sua pintura sob o olhar de Diego Rivera, grande muralista mexicano com que viveu e casou em 1929.



Jackson Pollock (1912-1956). Embora fosse de origem rural e do interior, vai morar em Los Angeles e se matricula na Manual Arts High School, da qual é expulso. Passa a estudar com Thomas Hart Benton, na Art Students League, mas sem muito envolvimento. No entanto revoluciona a poética pictórica ao desenvolver o processo de Action Painting que se torna uma referência para o Informalismo na Arte.

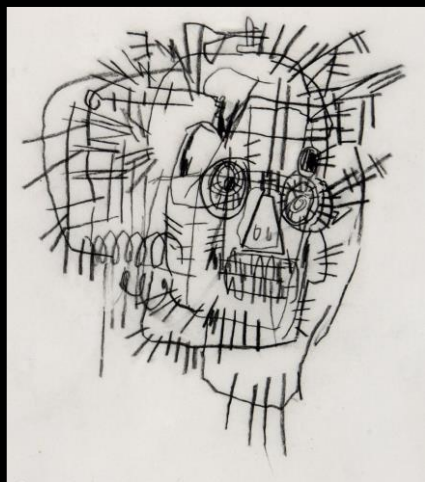


Francis Bacon (1909-1992). Reconhecido artista inglês não frequentou escola de Arte. Inicia seu trabalho em Londres em decoração de interiores e desenvolve pinturas sob a influência do Cubismo Picassiano. A partir de 1937 encontra sua própria identidade artística e obtém reconhecimento por seus trabalhos.



Jean-Michel Basquiat (1960-1988). Um dos nomes importantes do Neo-Expressionismo americano, nunca frequentou uma escola de Arte. Autodidata desenvolveu seus desenhos e depois grafites na cidade de New York sob o pseudônimo de Samo.

Mais tarde, por volta de 1980, se torna colaborador de Andy Warhol e sua carreira também decola.



Vic Muniz (1961). Um dos artistas brasileiros mais reconhecidos não se formou em Arte em sim em Publicidade e Propaganda, mesmo assim, desenvolveu suas proposições em Arte Visual autodidaticamente.



Manabu Mabe
(1927-1977).
Agricultor do interior
nunca frequentou
escola de Arte.
É um dos grandes
nomes no
Modernismo
brasileiro no contexto
informalista.



Tomie Othake
(1913-2015). Nunca
frequentou escola
de Arte. Uma das
grandes artistas do
Abstracionismo
Informal no país.



Espero ter conseguido clarear um pouco a questão do Autodidatismo em Arte Visual. Como disse isso acontece com bastante frequência nesse campo devido a inexistência de restrições ou critérios para identificar a profissão de Artista Visual.

Embora o Ministério do Trabalho estabeleça uma classificação de categorias profissionais nesse campo não há requisitos ou controle sobre isso. Como disse também, as únicas áreas em que a formação acadêmica é exigida é para o ensino.

De um modo geral não vejo problema nenhum no fato de pessoas quererem se dedicar ao fazer artístico.

Defendo que é uma atividade natural e inerente ao ser humano, ou seja, uma característica e uma necessidade que nele reside desde sempre. A questão é como fazer com que isso se realize e se torne comum a todas as pessoas, por conta própria ou não.

A questão que permanece é se o interesse sobre a Arte reside no conhecimento formal, ou seja, teórico e conceitual, o melhor é buscar a formação regular em instituição ensino superior, numa boa Universidade.

Leituras recomendadas para complementar os conteúdos deste tópico:

Arte Contemporânea,
Cauquelin.

Cultura Pós-Moderna.

O que é um artista?

Rosalind Krauss: O campo
ampliado da escultura.

Questões sobre o Tópico 2 e suas leituras:

1. O Que se entende por Exclusão?
2. Quem está sujeito à Exclusão na Arte Visual?
3. Que estratégias de Apagamento são utilizadas para obliterar artistas, Movimentos ou Obras de Arte?
4. Há diferenças entre Exclusão, Apagamento e Reclusão?
5. O que se entende por Arte de Reclusos?

Obs: Os textos aqui indicados estão disponíveis no site em TEXTOS.